

Guia Metodológico da Caderneta Agroecológica

Por Elisabeth Cardoso, Laetícia Jalil,
Liliam Telles, Camila Alvarenga e
Rodica Weitzman



Guia Metodológico da Caderneta Agroecológica

*Por Elisabeth Cardoso, Laetícia Jalil,
Liliam Telles, Camila Alvarenga e
Rodica Weitzman*

Julho de 2019

Ficha Técnica

Semear Internacional

Coordenação

Fabiana Viterbo

Assistente Administrativo Financeiro

Ana Luiza Santos

Gerência de Gestão de Conhecimento

Aline Martins da Silva

Gerência de Cooperação Sul-Sul

Ruth Pucheta
Esther Martins

Gerência de M&A e Comunicação

Diovanne Filho

Assessor de M&A

Adalto Rafael

Consultora para gênero do Programa Semear Internacional

Rodica Weitzman

Publicação

Autoria

Elisabeth Cardoso, Laetícia Jalil, Liliam Telles, Camila Alvarenga e Rodica Weitzman

Coordenação Editorial

Elisabeth Cardoso e Laetícia Jalil

Revisão

Elisabeth Cardoso, Laetícia Jalil, Aline Martins e Rodica Weitzman

Fotos

Acervo das organizações que integram a Rede Feminismo e Agroecologia do Nordeste

Projeto Gráfico e Diagramação

Emanuela Castro

Ilustrações

Oswaldo Santana

Impressão

Gráfica Papel e Cores

Tiragem

1.600

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE

Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

G943 Guia metodológico da caderneta agroecológica / Elisabeth Cardoso ... [et al.]. – Recife: FIDA, 2019.
38 p. : il.

1. Ecologia agrícola I. Cardoso, Elisabeth

CDD 630.2745

Guia Metodológico para a **Sistematização** das Cadernetas Agroecológicas

Olá. Este Guia Metodológico é um passo a passo de por que e como usar as Cadernetas Agroecológicas. Estamos juntas/os construindo caminhos e instrumentos que nos possibilitem visibilizar e conhecer/sistematizar a contribuição (econômica, ecológica, social e cultural) das mulheres rurais para a economia familiar, para a segurança e soberania alimentar, para a agroecologia e para a vida. Assim, o Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA), uma agência de investimentos das Nações Unidas (ONU) que atua também no Brasil, junto com o Programa Semear Internacional e o Grupo de Trabalho (GT) de Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), propõe o Projeto de Formação e Disseminação do Uso Consciente das Cadernetas Agroecológicas.

Um desafio, mas que também percebemos como potência deste Projeto, é a construção coletiva do conhecimento a partir de distintos sujeitos, que estão em lugares diferentes no processo¹: o GT de Mulheres da ANA, as organizações parceiras, Programa Semear Internacional, o Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA), GT Gênero dos

¹ Chamamos de processo, pois a ideia é que este Projeto estimule um processo de empoderamento e autonomia junto às mulheres participantes, como também transforme ou resignifique as práticas pedagógicas e metodológicas das organizações. Para tal, está sendo proposta uma metodologia que prevê etapas de pesquisa-ação participante, formação, sistematização, problematização da realidade, avaliação e monitoramento, conforme detalhamos neste guia.



Programas do FIDA, as mulheres rurais e suas famílias.

Entendemos que historicamente a “ciência” ou o “conhecimento formal” foi negado às mulheres. Seus saberes/fazeres e o conhecimento gerado por elas foi e ainda é invisibilizado e/ou desvalorizado, sendo reconhecido como crendices, simpatias ou conhecimento de pouca importância. Quando muito esses saberes são reconhecidos como práticas culturais tradicionais. Assim se enquadra todo o conhecimento do manejo de plantas medicinais, das ervas sagradas e de poder, das parteiras, raizeiras, curandeiras, as práticas de cuidados com os pequenos animais, a conservação da socioagrobiodiversidade etc.

Urge reconhecermos essas práticas e saberes como imprescindíveis à reprodução da vida e à agroecologia, como forma de complexificar os processos de transição agroecológica e nosso próprio entendimento da agroecologia enquanto ciência, movimento e prática.

Convidamos você a nos ajudar a fortalecer essa ciranda agroecológica e feminista, e ampliar os olhares sobre os diversos sujeitos que praticam a agroecologia no Brasil. Assim nos desafiamos a construir novos referenciais sobre desenvolvimento rural a partir das mulheres rurais do nordeste brasileiro.



Por isso afirmamos que sem **feminismo**, não há **agroecologia!** E sem agroecologia, não há um **semiárido justo e igualitário**, pois é no semiárido que a **vida pulsa** e que a agroecologia **resiste** e se reinventa!



Atuação do **FIDA** no Brasil junto com o Programa **Semear Internacional**

O Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA), uma agência de investimentos das Nações Unidas (ONU), possui uma carteira de projetos de desenvolvimento rural que hoje conta com um quadro de seis projetos de financiamento em execução, que focam o desenvolvimento de processos produtivos de geração de renda agropecuária, cooperativismo, associativismo e acesso a mercados.

Com meta de aumentar a renda, promover a segurança alimentar e diminuir a pobreza do público beneficiário em vários estados da região Nordeste, o FIDA incentiva ações direcionadas, que têm como prioridade o envolvimento de mulheres, jovens e comunidades tradicionais.

No que diz respeito à incorporação do enfoque de gênero nos projetos apoiados por FIDA, deve-se salientar alguns dos avanços que foram conquistados nos últimos anos. Desde 2012, a maior parte das missões de supervisão dos projetos efetivadas pelas equipes de especialistas do FIDA no Brasil tem contado com a presença de consultoras de gênero, o que vem facilitando o cumprimento de recomendações que garantem um tratamento transversal de gênero no conjunto dos projetos apoiados. Também, junto com a equipe do Programa Semear Internacional, as assessoras de gênero de cada projeto têm se empenhado na identificação e sistematização das inovações metodológicas e tecnológicas, que contribuem para o empoderamento das mulheres rurais, e tem havido intercâmbios entre elas para trocar informações a partir

dessas “boas práticas” e “lições apreendidas”. Algumas ações específicas, como a realização de um diagnóstico, efetivado no final do ano de 2017, foram fundamentais para identificar os pontos frágeis e as fortalezas em cada um dos projetos, além de ser um passo inicial na construção de planos de ação em gênero pelas entidades executoras. Em março de 2018, foi formada a instância do GT Gênero dos Projetos FIDA, com o objetivo de apoiar estratégias voltadas para o fortalecimento das mulheres rurais, não apenas enquanto “público beneficiário”, mas também como “protagonistas” das ações, as quais exercerão um papel crucial no processo de implementação das cadernetas agroecológicas nos diversos territórios durante o próximo período.

Paralelo a esse trabalho, o FIDA ainda busca realizar ações que vão além do desenvolvimento produtivo nas comunidades atendidas, estimulando o acesso à informação por meio de ações direcionadas e focadas no conhecimento, visando facilitar o acesso a saberes, inovações e boas práticas contextualizadas para a convivência com o semiárido.

Assim foi criado o Programa Semear, que por seis anos atuou junto aos projetos apoiados pelo FIDA na promoção do desenvolvimento sustentável e equitativo da região.

Com o sucesso do Programa Semear, uma segunda fase deste projeto foi implementada, nascendo assim o Semear Internacional, com foco no monitoramento e avaliação, comunicação, gestão do conhecimento e cooperação Sul-Sul, apoiando sua gestão no Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA).

Em sua atuação, o Programa vem contribuindo de forma expressiva para a sistematização e disseminação das boas práticas dos projetos do FIDA no âmbito nacional e internacional. Por meio de intercâmbios com técnicos e beneficiários dos projetos, formação técnica para gestores públicos, articulação institucional, promoção do trabalho em gênero, bem como apoiando a coleta de dados socioeconômicos e sistematizando resultados, publicações de livros, boas práticas e matérias em formato impresso e digital, o Semear Internacional contribui potencializando e visibilizando a difusão do conhecimento e das boas práticas dos seis projetos do FIDA.

Acesse o site do Semear Internacional e conheça mais sobre nosso trabalho e publicações: <http://portalsemear.org.br/>



O FIDA no Brasil

Atualmente, o FIDA é parceiro estratégico na realização de seis projetos dos seguintes governos dos estados, por meio de acordos bilaterais: Paraíba (Projeto de Desenvolvimento Sustentável do Cariri, Seridó e Curimataú _ Procase), Bahia (Projeto Pró-Semiárido), Sergipe (Projeto Dom Távora), Piauí (Projeto Viva o Semiárido), Ceará (Projeto Paulo Freire); além do Projeto Dom Hélder Câmara (PDHC) com o governo federal, executado pela Secretaria de Agricultura Familiar e Cooperativismo (SAFC) do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), com abrangência em 11 estados (Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte, Alagoas, Bahia, Piauí, Paraíba, Sergipe, Maranhão e norte de Minas Gerais e Espírito Santo).



PROJETO	UNIDADE FEDERATIVA	FINANCIAMENTO FIDA (em milhões de US\$)	GOVERNAMENTAL (em milhões de US\$)	FAMÍLIAS BENEFICIADAS
VIDA O SEMIÁRIDO	PIAUI	20	12,7	22 mil
PROCASE	PARAIBA	25	15,5	21 mil
DOM TÁVORA	SERGIPE	16	12,6	12 mil
PAULO FREIRE	CEARÁ	32,2	39,82	60 mil
DOM HÉLDER CÂMARA 2	FEDERAL	3	82	74 mil
PRÓ-SEMIÁRIDO	BAHIA	45	50	70 mil



Um pouco de nossa **história**

A Caderneta Agroecológica é um instrumento político-pedagógico criado pelo Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM) em parceria com o Movimento de Mulheres da Zona da Mata e Leste de Minas, para mensurar e dar visibilidade ao trabalho das agricultoras agroecológicas², ao mesmo tempo que contribui para a promoção da sua autonomia.

Apresentada em um formato simples, a caderneta possui quatro colunas para organizar as informações sobre a produção das mulheres. Ou seja, nela são registrados o que foi vendido, o que foi doado, o que foi trocado e o que foi consumido de tudo o que é cultivado nos espaços de domínio das mulheres nas unidades produtivas da agricultura familiar e camponesa ou o que foi produzido por elas, como o artesanato e o beneficiamento, porexemplo.

Em 2011, a partir do Programa de Formação Mulheres e Agroecologia, a caderneta foi criada, a

² Compreendemos como “agricultoras agroecológicas” as mulheres que desenvolvem atividades agrícolas e não agrícolas voltadas para a reprodução de seus grupos familiares e de proximidade, a partir de práticas sustentáveis (sociais, ambientais, culturais, econômicas e ecológicas) em seus agroecossistemas. Adicionalmente, são aquelas que desenvolvem relações sociopolíticas e econômicas com diferentes atores fundamentais para os processos de transição agroecológica e para a reprodução da vida, estando envolvidas em redes sociotécnicas, em movimentos sociais mistos ou feministas ou outros espaços de organização social/política. Elas são portadoras de conhecimentos ancestrais, que ressignificam e transformam suas práticas a partir das necessidades e mudanças ambientais e culturais, desenvolvendo atividades fundamentais para a garantia da segurança e soberania alimentar, para o fortalecimento das relações sociais nos territórios e para a conservação e reprodução da sociobiodiversidade.

princípio, como um instrumento de formação para empoderar as mulheres, a partir da visibilidade revelada do trabalho delas e da sua contribuição na renda e economia familiar. Mas, assim que aparecem os primeiros retornos das anotações, com resultados parciais surpreendentes para as mulheres e para a equipe do projeto, a Caderneta se revela um eficiente instrumento de monitoramento da produção das mulheres, valorando a sua produção quase invisível para o auto-consumo, troca com vizinhas, doação para a escola, festas comunitárias e filhos que vivem na cidade, e por fim a produção para a venda. A partir da interação com o GT Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia, a Caderneta foi levada para outras regiões do Brasil, em parceria com a Rede de Mulheres Empreendedoras Rurais da Amazônia, Rede de Mulheres Produtoras do Nordeste e Rede Feminismo e Agroecologia do Nordeste, GT Gênero e Agroecologia da Região Sudeste e Movimento de Mulheres Camponesas da Região Sul do Brasil. Entre 2016 e 2018 foi realizada uma grande pesquisa nacional numa parceria entre essas redes de mulheres, o GT Mulheres da ANA, a Universidade Federal de Viçosa, a Universidade Federal Rural de Pernambuco, o Instituto Federal de São Paulo e a Universidade Estadual de Campinas.



O Projeto das Cadernetas Agroecológicas tem o objetivo de analisar a contribuição das mulheres rurais para a economia familiar e para a reprodução do seu agroecossistema³.

Nesse ponto é importante enfatizar que o trabalho com as Cadernetas Agroecológicas se iniciou a partir de um questionamento das bases da economia hegemônica, que apenas consideram como parte da economia aquelas atividades que geram recursos monetários, ou seja, apenas as que têm relação com o mercado. Dessa forma, boa parte das atividades que ficam sob responsabilidade das mulheres são invisibilizadas ou desconsideradas por essa perspectiva da economia, centrada na lógica mercantil.

Para um olhar contra-hegemônico sobre a economia, que permita dar visibilidade ao conjunto de atividades protagonizadas pelas mulheres na sociedade, nos apropriamos das reflexões propostas pelas economistas feministas. Estas afirmam que a noção de economia deve incorporar todas as atividades necessárias para a sustentabilidade da vida humana!

Dessa forma afirmam que aquelas atividades realizadas para o autoconsumo, bem como o conjunto de atividades realizadas para a reprodução da vida, como o

³ Segundo a Articulação Nacional de Agroecologia, um agroecossistema é uma unidade de gestão agrícola, econômico-ecológica contextualizada em territórios, como as unidades de agricultura familiar e camponesa, por exemplo. Para Siliprandi (2009) o agroecossistema é definido como um tipo específico de ecossistema modificado pela ação humana por meio das atividades agrícolas. É a unidade geográfica delimitada (ainda que variável quanto a sua extensão) onde se dão complexas relações entre práticas agrícolas e o ecossistema original. Para se entender essas relações é necessário analisar não apenas os fenômenos ecológicos que ali ocorrem (como os bioquímicos e agrônômicos), mas também as interações entre os seres humanos.

trabalho doméstico e de cuidados, também devem ser consideradas como parte da economia! Por esse motivo, as Cadernetas Agroecológicas lançam luz sobre as atividades não monetárias realizadas pelas mulheres (como o consumo, a doação e a troca), considerando-as nas análises econômicas.

No entanto, propomos que sejam anotadas nas Cadernetas Agroecológicas, prioritariamente, aquelas atividades protagonizadas pelas agricultoras e que tenham relação com os agroecossistemas. Assim, também buscamos reconhecer os lugares de produção das mulheres (a exemplo dos quintais, terreiros, pátios, ao redor de casa etc.), cuja contribuição econômica foi historicamente invisibilizada. Este Guia orienta o trabalho a ser realizado pela assessoria técnica junto às mulheres rurais do Nordeste do Brasil participantes do projeto, e está organizado em um “passo a passo”.

A assessoria técnica tem o papel de animar e mobilizar as mulheres para participação no projeto, além de acompanhar e monitorar o preenchimento das Cadernetas Agroecológicas e demais atividades propostas. Por isso, é importante que esta atividade seja incorporada à outras ações já existentes junto às mulheres, para não sobrecarregar a equipe técnica, nem as mulheres participantes ao longo do processo.

Considerem que cada uma das atividades feitas no âmbito deste projeto pode ser aproveitada como um trabalho educativo/formativo/comunicativo – em que podem ser realizadas práticas, vivências, intercâmbios e reflexões sobre a economia feminista e solidária, divisão sexual do trabalho, agroecologia, segurança e soberania alimentar, violência sexista, comercialização, autonomia,

mercados, transição agroecológica, políticas públicas etc.



“ Eu tenho um ótimo companheiro político, mas em casa tenho que lembrá-lo que não sou empregada dele. ”

A Caderneta Agroecológica⁴ deve ser entendida como um recurso a ser apropriado pelas mulheres para visibilizar, valorizar e organizar o seu trabalho, sendo um instrumento de empoderamento e autonomia para elas na medida em que serve para que reconheçam sua contribuição à economia da família de forma mais ampla, rompendo a lógica patriarcal e capitalista de que são “meras ajudantes”. Também contribui para qualificar as ações da assessoria técnica como um instrumento de intervenção na realidade, apoiando a qualificação do trabalho das mulheres nos seus agroecossistemas, construindo novos indicadores para projetos e ações, ou políticas públicas. Assim, também contribui para repensar as metodologias e indicadores utilizados, rompendo a racionalidade patriarcal que historicamente marca a extensão rural no Brasil. Então vamos lá!

⁴ Aqui buscamos visibilizar todas as tarefas executadas pelas mulheres, rompendo com a dicotomia entre trabalho produtivo e reprodutivo. Desta forma, nos interessa compreender e sistematizar todo trabalho das mulheres e sua contribuição para a economia familiar, a reprodução do agroecossistema e da vida.



Como fazer: Os passos do Projeto

Essa é uma proposta que foi sendo testada junto a um coletivo nacional composto por organizações de assessoria técnica, movimentos sociais feministas e mistos, universidades, institutos de pesquisa etc. Todos grupos que fazem parte do GT de Mulheres da ANA.

Não se propõe a ser uma receita de bolo, ou uma camisa de força, ou seja, pode-se reinventar e sugerir outros passos a partir de distintas vivências e realidades em que o projeto vai ser implementado.

O mais importante é que se compreenda que esse processo envolve diversos sujeitos, com tempos e papéis distintos. Por esse motivo, para termos os melhores resultados, ou uma compreensão mais próxima da realidade da produção e da contribuição econômica das mulheres rurais, utilizamos outros instrumentos de coletas de dados (questionários e mapas), que complementam as informações coletadas pelas Cadernetas Agroecológicas.

Como um processo de construção coletiva do conhecimento, todas/os devem ter claros seus papéis, responsabilidades e contribuições para a construção dessa teia. Sim, estamos tecendo saberes e ousando construir novos conhecimentos, conceitos, categorias e indicadores, para pensar, repensar e problematizar o semiárido. Estamos problematizando a noção de economia, a agroecologia e as mulheres rurais no contexto de disputas por concepções e modelos de desenvolvimento rural e de políticas públicas para a agricultura familiar agroecológica no Brasil.



Passo 1 . Sensibilização da equipe de **assessoria técnica** para a sistematização da produção das mulheres agricultoras.

Objetivo: *Sensibilizar a equipe técnica sobre a importância de sistematizar e visibilizar a contribuição das mulheres rurais para a reprodução dos agroecossistemas e para a agroecologia no semiárido brasileiro.*

Para isso, é fundamental que a equipe de assessoria técnica como um todo assuma o desafio de ampliar seu olhar sobre as práticas desenvolvidas, questionar as metodologias implementadas e fortalecer a perspectiva de gênero nas suas ações e nas reflexões institucionais.

Assumimos juntos/as nossas carências de visibilizar e fortalecer o trabalho com as mulheres rurais, na perspectiva de gênero, não como limitantes, mas como potencialidades para transformação de nossas ações, reconhecendo as mulheres rurais como sujeitos políticos e protagonistas de um novo modelo de desenvolvimento para o Semiárido brasileiro.

Nesta etapa podem ser realizadas oficinas, grupos focais, grupos de estudos etc.

Passo 2. Capacitação das **equipes** de campo e sistematização

Com as organizações convencidas da importância dessa sistematização, é fundamental ainda a capacitação das equipes que vão ao campo e que recolherão os dados para a sistematização, sejam elas compostas por assessoras e assessores técnicos ou mulheres agricultoras que desempenham um papel de liderança nas comunidades.

A capacitação aqui consiste num nivelamento de informações sobre como as Cadernetas Agroecológicas devem ser utilizadas pelas mulheres e como aplicar os demais instrumentos de sistematização que serão utilizados, como o Mapa da Sociobiodiversidade e os questionários socioeconômicos.

É importante que esta capacitação seja feita de forma coletiva, sobretudo quando há mais de uma equipe de campo em territórios diferentes de atuação da organização parceira. Há que se cuidar para que todas as equipes e todas/os das equipes tenham a mesma orientação para o processo de sistematização, evitando orientações diferentes que podem afetar a qualidade dos dados.

Sugerimos que as organizações parceiras façam oficinas de capacitação envolvendo todas as equipes e as mulheres lideranças nos territórios, possibilitando uma primeira aproximação com o instrumento, tirando dúvidas e exercitando o preenchimento.



Passo 3. Sensibilização dos **coletivos** e organizações locais de **mulheres** para a sistematização da **produção** das mulheres rurais

Esta sensibilização tem como objetivo apresentar para as mulheres, grupos produtivos, associações, sindicatos, e movimentos sociais (mistos e feministas) a proposta do projeto, esclarecendo a importância da aplicação das Cadernetas Agroecológicas para a sua vida, para o trabalho das organizações de assessoria técnica e para o fortalecimento das ações no território. A seguir, destacamos as ações estratégicas a serem cumpridas durante esse processo de sensibilização:

- Formar redes locais/territoriais animadas em torno da temática de gênero, feminismo, economia feminista e agroecologia, criando um grupo que anime e seja animado pelo processo. É interessante que esse grupo maior possa também participar dos espaços de formação e ao mesmo tempo acompanhar o monitoramento e análise dos dados, a fim de acumular conhecimentos sobre o tema e contribuir com novas questões, a partir de suas realidades e



cotidianos, bem como contribuir para uma leitura crítica do território, a fim de construir alternativas para superar as problemáticas;

- Apresentar cada um dos instrumentos de pesquisa, esclarecendo como serão feitos, por quem e para que servem;
- Criar um grupo local de animação das Cadernetas. É fundamental que as mulheres participantes não se sintam sozinhas nessa tarefa e tenham um grupo de apoio para animar, tirar dúvidas (além da equipe técnica) e mostrarem seus pré-resultados. Isso mantém o processo vivo.





Passo 4. Apresentação da **metodologia** da Caderneta Agroecológica

Aqui é necessário fazer uma reunião ou encontro das mulheres agricultoras que participarão do processo ou de suas representantes, no caso do número de mulheres ser muito grande para um encontro, a ser viabilizado por representantes da instituição executora e das organizações parceiras, com o objetivo de apresentar a elas a Caderneta e sua metodologia de uso.

Nesse encontro deve-se apresentar a proposta de sistematização e definir, com a participação das mulheres agricultoras, a estratégia de distribuição das cadernetas (por comunidades, territórios, municípios, grupos e associações de mulheres) e a quantidade de cadernetas que serão sistematizadas pela organização local.

Nessa atividade é importante definir como será o processo de tabulação das anotações, para que os resultados possam ser devolvidos às mulheres, alimentando processos de reflexão coletiva. Para isso, é importante definir uma pessoa que fique responsável pela tabulação dos dados.



Passo 5. Distribuição das Cadernetas Agroecológicas e **capacitação** das mulheres rurais

As mulheres escolhidas também devem escolher participar! Esse é um princípio fundamental do processo. Uma sugestão é que se consiga juntar pelo menos duas ou três mulheres de uma mesma comunidade ou grupo, porque juntas elas se animam, tiram dúvidas e ajudam uma à outra. Este é o formato ideal, pois a visita da equipe técnica às vezes demora, ou há dificuldades de comunicação entre as mulheres participantes e a equipe técnica. Se a mulher estiver sozinha, ela desanima. Se estiverem num grupo, elas superam as dificuldades juntas!

A capacitação deve se dar em forma de oficinas locais, juntando vários grupos envolvidos (às vezes do mesmo território), mas que estejam no âmbito de atuação de uma ou mais que uma organização parceira que presta serviço de assistência técnica (AT). Fazer o exercício junto com elas em suas propriedades também é uma boa estratégia. O importante aqui é que as mulheres aprendam como usar a caderneta, atribuir preço aos produtos e realizar o somatório dos valores, muitas vezes necessitando de apoio





da assessoria ou liderança local, ao final de um mês.

Outra questão importante é que elas saibam que não estão sozinhas neste projeto, e que têm um papel importante no processo e no resultado final. Elas devem se sentir parte de um todo (que envolve muitas outras mulheres, inclusive de outros estados).

É fundamental que elas compreendam a importância de anotar não só o que vendem ou consomem, mas que tenham atenção dobrada ao que doam ou trocam, porque acreditamos que são essas ações as responsáveis pelo fortalecimento dos tecidos sociais nos territórios, que dão sentido de permanência e resistência, e isso normalmente vem sendo negligenciado numa leitura econômica clássica.

Outra questão é conseguirmos sistematizar o conjunto da diversidade produtiva e da contribuição delas para a conservação, manejo e reprodução da socioagrobiodiversidade. Esses são apenas alguns dos conjuntos de dados que esse processo nos possibilitará conhecer e sistematizar.

Os passos quatro e cinco podem ser realizados num mesmo encontro de mulheres.

Passo 6. Preenchimento das Cadernetas Agroecológicas

“ Anotar é conhecer um dos tesouros da sua propriedade: a sua **produção**.

Anote sempre, só assim vamos perceber a importância do trabalho das mulheres e descobrir que elas são as **guardiãs** da biodiversidade. ”



A equipe técnica deve orientar todo o trabalho de preenchimento das Cadernetas Agroecológicas, que devem ser preenchidas pelas próprias mulheres, com caneta ou lápis bem forte tipo o 2B), para que facilite a leitura na hora da tabulação dos dados. O ideal é que preencham as cadernetas por um período de um ano, para se ter dimensão de toda a produção das mulheres, que normalmente varia com as estações do ano ou em períodos de maior demanda de determinado produto tradicional, como nas festas de São João. Caso necessitem de apoio, outros membros da família (de preferência filhas) ou a assessora podem ajudar.

As cadernetas devem ser preenchidas todos os dias. Assim, os detalhes da produção não serão esquecidos. Lembrem que também queremos visibilizar a “economia dos miúdos”, o que desaparece no dia a dia, mas que é fundamental para a Segurança Alimentar da família, por exemplo: o mói de coentro; os três ovos para o café da manhã; o litro de leite para a vitamina; o punhado de acerola para o suco no almoço; a galinha que foi doada

para a festa da igreja; o litro de fava que foi trocado pelo de feijão com a vizinha ou no banco de sementes da comunidade.

A equipe técnica deve orientar as mulheres a incluir na caderneta tudo o que acharem relevante sobre a sua produção voltada para o **consumo, doação, troca e venda**. Os produtos a serem incluídos na caderneta são:

- **Produtos vegetais e animais:** especificar as espécies animais e vegetais, acompanhadas das suas variedades e raças (por exemplo, macaxeira amarela, banana da terra, banana maçã, fava roxa, fava branca, cabra moxotó, galinha rhodia etc.). Valorar todas as plantas e animais usados, independentemente do seu valor econômico;
- **Beneficiados:** especificar os produtos beneficiados pelas mulheres, como doces, farinhas, geleias, mel, pães, biscoitos etc.;
- **Artesanatos:** especificar os artesanatos feitos pelas mulheres. Quando o produto for artesanato ou beneficiado, deve ser especificado. Exemplo: colar **de sementes** ou farinha **de mandioca**;

As informações detalhadas da socioagrobiodiversidade



nos ajudam a conhecer a importância do trabalho das mulheres como guardiãs da socioagrobiodiversidade e da diversificação da produção.

Atentar para não esquecer dos produtos doados e trocados pelas mulheres. Eles precisam ser valorizados pois estão muito presentes nas relações de solidariedade e reciprocidade. Além disso, são essas relações que permitem que muitas pessoas tenham acesso a alimentos, infraestrutura e serviços, sem passar por relações monetárias.

Eventualmente também podem ser anotadas nas cadernetas alguns serviços prestados e que façam muito sentido para as mulheres, a exemplo de faxina, corte de cabelo ou outros.

Caso tenha alguma dúvida se deve ou não anotar determinado produto, utilize o seguinte critério: **a ideia é que as mulheres anotem tudo aquilo que faça sentido para elas**, pois a caderneta deve ser um instrumento delas. Na hora de tabular os dados, pode-se definir se serão somados e levados em consideração todos os produtos que foram anotados. Por exemplo: se uma mulher achar importante anotar algum serviço que ela faça que não seja ligado à produção agrícola ou alguma atividade que não seja protagonizada apenas por mulheres, devemos incentivar que anotem. Depois se define se as atividades que não eram inicialmente objeto da sistematização devem ser somada às outras ou não.



COLUNA DE QTDE. (QUANTIDADE) – Esta coluna deverá ser preenchida de acordo com a unidade de medida usada pelas mulheres, em quilos, molhos, dedos (ex. dedos de banana), saco, dúzias etc. Orientar que as mulheres anotem tanto a quantidade quanto a unidade. Por exemplo, ao anotar dois quilos de manga, não esquecer de especificar que se trata de quilo. Se anotar só a quantidade 2, pode confundir com duas unidades de manga.

COLUNA DO PREÇO (em reais) – No caso das anotações de venda, orientar que as mulheres anotem o preço exato pelo qual venderam o produto. No caso das anotações de consumo, troca e doação, orientar que adotem os preços pelos quais costumam vender cada produto. Caso não vendam, devem adotar o preço pelo qual costumam comprar no mercado local. Isso significa que um mesmo produto poderá ter preços distintos, de acordo com a relação socioeconômica estabelecida (consumo, troca, doação ou venda) e de acordo com o mercado no qual onde o produto é comercializado. Isso é importante porque muitas vendem em feiras, de porta em porta, em casa ou para Política de Aquisição de Alimentos (PAA) ou a Política Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), e os



valores são diferenciados.

O uso de outras formas de anotação da produção deve ser valorizado (exemplo: caderninhos das mulheres rurais). Mas a equipe técnica deve orientar como repassar os dados desses cadernos para a Caderneta Agroecológica.

Se as folhas da Caderneta não forem suficientes para as anotações das mulheres, A equipe técnica deve imprimir mais e repassar para as mulheres rurais (Anexo 2).

Se as mulheres acharem que as quatro colunas não são suficientes para demonstrar outros elementos da sua produção, elas podem anotar o que acharem interessante em um papel avulso. Depois essas anotações devem ser repassadas para a equipe técnica.



Passo 7. Animação para manter a **anotação** cotidiana das Cadernetas Agroecológicas

Nesse momento é fundamental que a equipe técnica esteja sempre em contato com as mulheres participantes/pesquisadoras, senão elas perdem o estímulo para anotar. Sugerimos pelo menos três visitas técnicas ou oficinas de mulheres da mesma comunidade ou coletivo no período de um ano, quando se deve levantar as dificuldades que estão enfrentando, como estão resolvendo os problemas e dúvidas e se necessitam de algum outro apoio, que pode vir das assessoras ou das outras mulheres envolvidas no entorno.

Nesse processo de animação é importante estimular alguma reflexão por parte delas a partir dos resultados parciais. Geralmente, quando começam a perceber os resultados da sistematização, se animam mais ainda no processo.

As visitas e oficinas podem ser feitas pelas assessoras técnicas ou mulheres lideranças.

Também é importante pensar num intercâmbio juntando mulheres participantes de outras comunidades e ou coletivos, para que conheçam distintas realidades e fortaleçam o processo em força de rede.



Passo 8. Coleta de **dados** das cadernetas e tabulação dos dados

Nessa etapa é importante definir a forma como os dados chegarão para a pessoa que fará a tabulação.

Em muitos casos, as agricultoras tiram foto das Cadernetas Agroecológicas e enviam à pessoa que vai tabular os dados, que por sua vez deve conferir na hora que receber se a qualidade da foto permite a leitura do que foi anotado e, em caso contrário, pedir para agricultora repetir a foto. Mas as fotos também podem ser tiradas pela assessoria técnica em alguma reunião ou atividade com a agricultora. Ou, ainda, as informações podem ser tabuladas diretamente no notebook durante alguma visita à agricultora. Mas é preciso definir como isso será feito!

O importante é não pegar a Caderneta Agroecológica da agricultora para tabular no escritório, pois pode haver algum extravio ou perda de informações. Além disso, sem a Caderneta Agroecológica, a agricultora terá dificuldades para anotar sua produção econômica!

A tabulação dos dados será feita numa planilha do Excel que será disponibilizada para as equipes de assessoria técnica durante a atividade de capacitação inicial.

Também é importante definir uma data fixa, em que as informações serão encaminhadas para quem fará a tabulação. Sugerimos o dia 5 de cada mês, mas isso deve ser definido em função de cada realidade. O importante é ter essa data de referência para que em todos os meses consigamos ter os dados tabulados para serem repassados à equipe de sistematização.



Padronização de unidades de medida:

Como já sabemos, há uma diversidade enorme de unidades de medida utilizadas pelas agricultoras nas diferentes regiões e estados (palma, prato, rasa, molhos, dedos, saca etc.). Essa é uma riqueza que precisamos registrar! Por outro lado, para efeito de análise dos dados, precisamos realizar uma padronização dessas unidades de medida, convertendo-as em unidades de medida universais (quilograma, litro, unidade).

Dessa forma, se a unidade de medida anotada na caderneta não puder ser quantificada em uma unidade conhecida/universal, a equipe técnica ou a pessoa responsável pela tabulação dos dados, deverá padronizá-la. Por exemplo, um “balde de manga” deve ser quantificado em quilos e a equipe deverá definir uma média em quilos equivalente ao peso das frutas contidas no balde.

No entanto, para preservar as unidades de medida anotadas pelas agricultoras, a padronização será feita numa tabela à parte, que irá junto da planilha para tabulação dos dados.

Detalhes do processo de tabulação:

Durante o processo de tabulação, é importante verificar com as mulheres os nomes de produtos que gerarem dúvidas (assim como as unidades de medida), porque, uma vez que os dados chegam à equipe de sistematização, fica mais trabalhoso recuperar as informações que são incompletas ou difíceis de compreender.

A sistematização dos dados será feita por uma equipe de consultoria, que já desenvolveu instrumentos, processos e procedimentos para realizar essa tarefa. O primeiro procedimento da sistematização é fazer uma leitura minuciosa das informações recebidas. Caso a equipe avalie que a qualidade dos dados precisa melhorar, a planilha será devolvida aos responsáveis pela tabulação nos estados para que sejam feitas as devidas correções. Por esse motivo, reforçamos aqui a importância de averiguar as informações no momento da tabulação, para garantir que os dados sejam corretamente representados.

Após esse processo, os dados verificados serão centralizados em uma base de dados, que dará subsídio às análises para sumarização e devolução das informações às equipes do projeto e às mulheres que anotam na caderneta.



Passo 9. Aplicação e envio dos questionários

Objetivo: Conhecer o perfil socioeconômico e de participação política das mulheres rurais.

Aplicar o questionário (Ver anexo 1) à mulher agricultora. As perguntas devem ser respondidas unicamente por elas. Os homens da família não devem participar das respostas ao questionário. O ideal é que elas estejam sozinhas e num ambiente de tranquilidade, sem tarefas domésticas ou preocupações.

Ao fazer a pergunta, cuidar para não induzir as respostas das mulheres, deixando-as se expressar livremente e procurando anotar suas falas na íntegra.

Orientamos que as perguntas abertas sejam gravadas e transcritas, logo após a realização para que não se perca a memória.

Deixem-na falar. Nunca pensem que é demais. Às vezes ela está precisando disso e numa resposta surgem várias pistas da condição de vida dessa mulher, e que para a assessoria técnica é fundamental;

Anote à caneta. E nas perguntas abertas, garanta que as informações estejam legíveis.

Envio do questionário:

Após a aplicação do questionário, as páginas devem ser escaneadas e compiladas em um arquivo, e então enviadas à equipe de sistematização, que ficará responsável pela tabulação das informações.

Passo 10. Aplicação da metodologia do Mapa da Sociobiodiversidade

Objetivo: Conhecer o agroecossistema familiar e o lugar de trabalho/autonomia das mulheres rurais.

“ é importante estimular as **mulheres** a representar no desenho todos os espaços da **propriedade**, resgatando a **sociobiodiversidade** do lugar, além de ser uma experiência poucas vezes vividas por elas. ”



A mulher agricultora trabalha em todo o agroecossistema, mas queremos lançar luz sobre lugares em que as elas constroem sua autonomia, a partir do seu próprio trabalho, e como nesses lugares elas produzem conhecimentos, bens agrícolas (alimentos, plantas medicinais, frutas, árvores nativas, sementes, animais etc.) e bens culturais. Também buscamos compreender o olhar que ela tem sobre os espaços e como isso reflete, ou não, as relações de poder na família, e entre a família e o território, o bioma etc.

Queremos assegurar o olhar e a percepção que as mulheres rurais têm sobre o agroecossistema familiar e quais são os papéis protagonizados por elas, revelando sua importância para a economia familiar. Também queremos compreender as relações de poder que se estabelecem nos distintos espaços pelos diferentes membros da família (do homem e da mulher e/ou dos filhos).

Para isso, as mulheres rurais devem fazer um

COMO FAZER O MAPA?

1)Facilitar para que cada mulher agricultora faça um desenho ou mapa da propriedade onde a família vive e trabalha, representando todos os lugares em que acontece a produção para o consumo, troca, doação ou comercialização, e todos os produtos cultivados, animais que criados etc. De preferência indicando as variedades produzidas. Sugerimos que elas listem os produtos no verso do mapa, se necessário, com ajuda das assessoras técnicas ou mulheres lideranças. Outros lugares considerados importantes por elas, também podem ser incluídos. É importante que o tamanho do agroecossistema (propriedade) seja registrado como área total, e que, depois, e se tente contabilizar as dimensões de cada subsistema (horta, quintal, pomar, roçado etc.). Isso nos ajudará a perceber as relações sociais dentro do agroecossistema e como se manifestam na relação do espaço.

2)Após a feitura do mapa, a equipe técnica irá analisar com as mulheres os lugares que são reconhecidos pelo protagonismo delas. Serão identificados os lugares de trabalho onde atuam de forma autônoma para a produção da sociobiodiversidade e da garantia da soberania e segurança alimentar. A ideia é destacar o quintal e todas as demais áreas onde as mulheres são protagonistas.

3)Para ajudar nessa reflexão, perguntar para a mulher o que ela faz durante o dia. Nesse momento, serão analisadas a separação e a hierarquia/importância de cada uma das atividades feitas por gênero e as representações sobre a divisão sexual do trabalho e a forma como se materializa nos espaços. Assim, o desenho deverá ser complementado com a inclusão dos símbolos

de gênero em cada um dos lugares de trabalho, de acordo com o protagonismo de cada membro da família (ver explicação abaixo).

4)Obs. Cuidado com o trabalho considerado pelas mulheres como “ajuda”, pois é muito comum que elas se coloquem no lugar de “ajudantes” e não como protagonistas. Aqui, após o desenho, cabe a assessora problematizar com as mulheres essas questões.

O mapa deve conter:

5)Os lugares onde a mulher “decide”, ou seja, determina o que vai ser produzido, como e quando. Nesses locais, elas podem ter ou não a ajuda da família. A casa, o quintal e os demais lugares protagonizados pelas mulheres devem aparecer de forma clara nesse mapa e marcados com o nome (ex. galinheiro, roçado...) e o símbolo do gênero feminino (♀). Quando o homem ajuda, o lugar deve ser marcado assim:

(♀♂) Obs. O símbolo do gênero feminino vem na frente do símbolo do gênero masculino.

6) Os lugares onde o homem “decide”, ou seja, determina o





que vai ser produzido, como e quando podem ter ou não a ajuda da mulher e devem ser marcados com o seu nome e o símbolo do gênero masculino (♂). Quando a mulher ajuda nestes lugares, deve ser marcado assim: (♂♀). Obs: Nesse caso, o símbolo do gênero masculino vem na frente do símbolo do gênero feminino.

7) As demais infraestruturas (cisternas, barreiros, poços, bioágua, etc).

8) Outros lugares e elementos do sítio considerados importantes por elas.

9) Analisar toda a produção que sai dos lugares protagonizados pelas mulheres. É essa produção que deverá ser incorporada à Caderneta Agroecológica, o mais detalhadamente possível.

ATENÇÃO!!!! O mapa deve ser o mais completo e detalhado possível, incluindo aqueles lugares de produção que ficam invisibilizados ou esquecidos.

Passo 11. Análise coletiva dos dados

Esse é um momento importante de juntar os diversos “elos da cadeia” e ter um primeiro olhar sobre a realidade em sua complexidade.

A partir da sistematização dos dados obtidos pela pesquisa, juntando os três instrumentos de coletas (as cadernetas, os questionários e os mapas), teremos uma primeira aproximação da realidade. Nesse momento é fundamental que todas as mulheres participantes, a equipe técnica e os parceiros locais estejam presentes para validar os dados, fazer ajustes, correções etc.

Aqui podemos realizar um seminário, uma oficina ou intercâmbio. O importante é juntar todas/os os participantes e olharmos juntas/os os dados, buscando dialogar com nossos territórios, nossos agroecossistemas, nossas famílias e a vida das mulheres participantes.





Passo 12. Reflexão coletiva dos resultados

Após a validação coletiva dos dados nos perguntamos se essa era uma realidade conhecida por todos/as?

Em que medida esses dados nos ajudam a repensar nossas práticas de assessoria técnica? Na luta pela segurança alimentar e nutricional, na problematização da divisão sexual do trabalho?

Os dados nos permitem olhar o território de forma distinta e construir novas estratégias para seu desenvolvimento?

Podemos ampliar nossa concepção de agroecologia, incorporando as relações de gênero e criando estratégias para colocar as mulheres rurais como sujeitos centrais na garantia da SAN e nos processos de transição agroecológica?

Passo 13. Rediscussão dos **programas e ações** das organizações a partir dos resultados da **sistematização** da produção das mulheres através das Cadernetas Agroecológicas

A partir das análises e reflexões coletivas dos dados, o próximo passo é buscar reverter as discussões para dentro das organizações participantes e coletivos envolvidos.

Como esse processo de pesquisa nos ajuda a repensar nossas ações de forma institucional?

Nossas metodologias e abordagens institucionais estão permitindo incorporar efetivamente a discussão de gênero em nossas ações?

Há alguma estratégia da organização local para aumentar a autonomia das mulheres e reduzir as desigualdades de gênero?



Considerações finais

Para superarmos os desafios, revezes e dificuldades com os dados, é necessário um bom planejamento, um acompanhamento/monitoramento do processo e uma avaliação constante do andamento da sistematização, fazendo ajustes na estratégia quando necessário.

Sabemos que sistematização de dados muitas vezes é uma novidade para as equipes técnicas das organizações parceiras, e, em alguns casos, as equipes acabam assumindo tarefas de sistematização que terminam por competir com a dedicação às ações finalísticas dos projetos locais.

Nesse caso, principalmente, a Caderneta Agroecológica ganha vantagem porque ao mesmo tempo que as organizações realizam ações de empoderamento, fortalecimento e autoorganização das mulheres, estão monitorando e sistematizando dados que são tão valiosos na análise de impacto e resultados, tanto dos projetos de assessoria técnica, quanto na produção das mulheres.

Recomendamos que o exercício de refletir sobre as Cadernetas Agroecológicas possa acontecer nos diversos eventos realizados pelas organizações por meio de espaços reservados para as atividades com as mulheres (oficinas, intercâmbios, seminários etc.). Para isso é necessário mobilizar participantes para que elas levem suas cadernetas aos eventos. Essa também é uma forma de otimizar tempo e recursos das organizações, promovendo a animação necessária, mas também ampliando, na medida em que as outras mulheres acompanhadas pelas organizações tendem a se interessar

pelo processo ao escutar a experiência das primeiras.

No mais, desejamos um bom trabalho às organizações parceiras e às mulheres e esperamos que as Cadernetas Agroecológicas transformem a vida das mulheres do semiárido brasileiro e as estratégias das organizações, na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, um semiárido sustentável, onde a vida pulsa a agroecologia, as resistências e reinvenções para o desenvolvimento rural brasileiro.



